

Collor prefere ficar distante dos partidos tradicionais

por Ottoni Fernandes Jr.
de Brasília

Estimulado pelos 32% de adesão eleitoral, revelado pela pesquisa do Ibope divulgada no domingo, o presidente Fernando Collor de Mello prefere manter distância dos partidos tradicionais. Perguntado se, na hipótese de o candidato do PFL à presidência não decolar, poderia atrair o partido para uma coligação, o ex-governador de Alagoas diz que dispensa esse apoio.

Collor acredita que a adesão à sua candidatura, expressa nas pesquisas eleitorais, reflete a descrença da sociedade civil no governo e nos partidos políticos. Mas pondera: essa negação das estruturas políticas não é boa, pois pode tirar a ideologia da cena eleitoral, o que pode ser prejudicial para o País.

As melhores expectativas do grupo que assessora Collor previam que ele deixaria o cargo de governador de Alagoas com um índice entre 12 e 15% nas pesquisas.

Assim, os 32% que cravou nesta rodada do Ibope foi uma surpresa agradável, mas que preocupa alguns assessores, temerosos de que o nome de Collor passe a cair nas pesquisas; melhor seria uma

subida mais lenta e contínua.

"Disse a minha equipe que esse raciocínio é incorreto, agora temos de insistir para continuar subindo nas pesquisas, chegando a 51% do eleitorado", revelou ontem, em Brasília, o candidato do Partido de Reconstrução Nacional (PRN), durante almoço com diretores de órgãos de imprensa, na sede da Manchete.

Collor acha que invadiu a seara do PT e conquistou pontos nas pesquisas à custa de Luiz Inácio Lula da Silva. Os números do Ibope mostram que Lula caiu de 14% na pesquisa feita entre 21 e 26 de abril para 11%, na realizada de 12 a 16 de março. Enquanto isso Collor subiu de 20 para 32% das preferências. "Mas a onda de greves e a imagem rancorosa do Jair Meneguelli também prejudicaram a candidatura de Lula", admite Collor.

O ex-governador de Alagoas acha que ainda não conseguiu ganhar adesões em cima do candidato do PDT, Leonel Brizola, que segue forte no Rio e nos estados do Sul. E respeita a candidatura de Ulysses Guimarães, que ainda tem fôlego para subir.

Agora, a tática de Collor é partir para os comícios, num trabalho de corpo a

corpo que começa por Manaus; ao mesmo tempo, dará entrada em uma ação, ainda nesta semana, junto ao Supremo Tribunal Federal, baseado no princípio da isonomia, para conseguir tempo igual para todos os presidenciais no horário eleitoral gratuito, que começa em setembro.

Collor sabe que agora é o alvo para o tiroteio de todos os candidatos, mas garante que não vai responder. E nem se preocupa com a possibilidade de passarem o filme mostrando seu voto no colégio eleitoral, em 1985, a favor da candidatura Maluf, contra Tancredo Neves. "Meu adversário, na disputa pelo governo de Alagoas, mostrava esse filme cinco vezes por dia na televisão e sofreu a maior derrota de sua história."

Indagado sobre sua proposta para a dívida externa, em que o governo federal retiraria seu aval, Collor disse que isso abriria espaço para a negociação caso a caso. A parte da dívida externa usada para manter negócios sólidos não enfrentará problema na renegociação com os credores. Ao contrário, "quem pegou o dinheiro fácil de reciclagem dos petrodólares para fazer estádio de futebol, fonte luminosa em praças públicas, não terá como renegociar". Esse

será um dos temas da visita que Collor fará aos Estados Unidos em setembro, a convite das universidades John Hopkins e Berksley e da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos.

Collor concorda que é necessário diminuir a intervenção do Estado na economia, mas lembra que esta desregulamentação não pode ser brusca. "Daremos um tempo, avisando quando o Estado deverá deixar de intervir em determinado setor, para que a iniciativa privada adapte-se à nova realidade." Em todo caso, persistirão setores em que a ação estatal, fixando regras, é essencial, como é o caso da área cambial, salienta Collor.

"Sou a favor da iniciativa privada, num capitalismo competitivo em que cada empresário assuma os riscos, mas de fato e não da maneira como muitos desejam, com o fim da tutela estatal apenas para seus concorrentes", diz Collor.

Confiante de que sua candidatura navega impulsionada pela rejeição aos políticos tradicionais e surge como a única de fato oposicionista ao atual governo, Collor diz que, eleito, pretende formar um Ministério jovem, comprometido com o futuro e as mudanças sociais, e suprapartidário.